

MATÉRIAS PRIMAS

A Siderurgia e a defesa nacional

"A Defesa Nacional" inicia, neste número, uma série de artigos focalizando a necessidade imperiosa do desenvolvimento das nossas indústrias básicas.

Ao propósito do Govêrno de aumentar a defesa nacional específica, promovendo o aumento das fôrças de terra, de ar e do ar, irmanisou êle o de incentivar o progresso da siderurgia; e muito sãbiamente o fez, porque a defesa nacional, tanto específica como geral, está na capacidade siderúrgica do Brasil.

Os acontecimentos históricos de todos os tempos mostram evidência o papel importantíssimo do ferro, em suas diferentes modalidades, fornecendo ao braço humano as possibilidades que exigem as determinações ditadas pelo cérebro, quer no estado de paz, quer no estado de guerra.

A bem dizer, não há um só empreendimento do homem que não envolva o emprêgo daquele metal, que, com mais firmeza e razão, deveria ser chamado o **metal precioso**. Foi êle que libertou o homem primitivo de uma época, em que êle só empregava, como ferramenta, a pedra lascada ou polida. E, desde êsse momento da história da humanidade, empunhou o ferro um cetro, que nenhum outro metal lhe arrebatou.

E porque o ferro é a fôrça de uma nação, quer na paz de suas atividades produtivas, quer na guerra de suas **reivindicações** e desagrvos, deve essa nação cuidar muito carinhosamente de o **extrair** das minas, quando as possui, e de o em-

pregar no fabrico de tudo quanto no formidável arsenal que está ligado umbelicalmente o progresso geral.

E é á Siderurgia que cabe essa ingente tarefa, fornecendo á Nação as máquinas agrícolas, para o preparo das terras e para o aproveitamento dos produtos animais, as máquinas industriais, para os produtos variadíssimos de todos os objectos de nossa utilização, as máquinas de guerra, para os perigos do poder militar em sua legítima defesa, as máquinas de navegação, para a facilidade do intercâmbio comercial, as máquinas tratoras para a facilitação dos trabalhos de locomoção e de transportes, as máquinas de precisão, para os finos trabalhos de investigação, de contrôlle e de verificação nos gabinetes e laboratórios, e, finalmente, tôdas as variadíssimas máquinas de emprêgo diário e constante, no ciclópico labutar de uma humanidade inteira em busca do aperfeiçoamento, do progresso, da paz e do bem estar.

E a prova dessa enormíssima responsabilidade que pesa sobre a Siderurgia está no emprêgo que faz a humanidade dos cem milhões de toneladas de aço, que as usinas de todo o mundo produzem em média anualmente nestes últimos tempos ! . . .

Concentrando cada um o seu espírito e volvendo um olhar retrospectivo pelas épocas do passado, vê claramente que a Siderurgia foi o dragão alado que trouxe lá da remotíssima época neolítica para a época moderna o homem, com tôda a sua ambição de avançar, de conquistar, de vencer e, em suma, de viver ! . . . E em suas poderosas azas até onde levará a Siderurgia êsse mesmo homem ? . . . Não podemos sequer imaginar, porque os séculos vindouros encerram em seu bojo os maiores imprevistos, que hoje fatalmente não de escapar á mais aguda inteligência ! . . .

E até lá muitos Warteloos barrarão o caminho ás investidas mal lastreadas, oferecendo o rochedo de uma Santa Helena ao imprudente, que, desejando cortar, não teve em primeiro lugar o cuidado de se munir de um instrumento cortante ! . . .

Já existem no mundo muitas usinas que se ocupam do preparo do ferro e do aço, e, entre elas, algumas aqui no Brasil; mas, se as usinas estrangeiras teem necessidade de aumentar a sua produção, porque a atual não é suficiente, as do Brasil precisam ser aumentadas e multiplicadas, para que sejam satisfeitas tôdas as nossas necessidades de ferro e de aço, tanto presentes, como futuras.

Com os seus quasi 9 milhões de quilômetros quadrados de superfície, não é de admirar que o Brasil, em muito breve tempo, possua cêrca de 500.000 quilômetros de vias férreas; e, possuindo-as, precisará de um milhão de quilômetros de trilhos, que, á razão média de 35 quilos por metro linear, exigirão 35 milhões de toneladas de trilhos de aço, que tôdas as nossas usinas juntas não poderiam fornecer em menos de cem annos de trabalho ininterrupto e sem se ocuparem de outro material !...

Entre as usinas nacionais poderemos citar as seguintes :

MONLEVADE

E' a maior e mais completa, e, indubitavelmente, a mais perfeita instalação siderúrgica no Brasil; ainda não está terminada tal qual foi projetada, a-pesar-de estarem sendo cumpridos rigorosamente os planos traçados para 6 altos fornos de 75 tons. cada um, 6 fornos Siemens-Martin de 35 tons. cada um e trens de laminação para perfis finos, médios e pesados, inclusive trilhos, arames galvanizados e farpados, etc. Atualmente conta 2 altos fornos e 2 fornos para preparo do aço e trens de laminação.

SABARA'

Como a precedente, pertence á Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira S. A. ; esta empresa que foi a pioneira da moderna siderurgia nacional, iniciou suas atividades na usina de Sabará, cujos primeiros resultados, aliados á nítida compreensão das nossas possibilidades siderúrgicas, levaram-na a estu-

dar um programa mais vasto, a cuja realização se prestou a bacia do Rio Doce, junto a vastas florestas e jazidas importantes de minério e de fundentes. Desde então essa usina passou a ser uma espécie de escola preparatória para a futura usina de Monlevade, que é hoje uma esplêndida realidade. Afim de compreender tôda a extensão, embora em pequena escala, do programa futuro da Monlevade, foi ela ampliada convenientemente e conta hoje com 2 altos fornos de 30 a 50 tons., bem como 3 fornos para aço Siemens-Martin, de 12, 16 e 20 tons. respectivamente, além de trens de laminação para perfis comuns, redondos, quadrados, chatos e cantoneiras. Esta usina fornece aço sob especificação para as nossas fabricas de material bélico dos Ministérios da Guerra e da Marinha.

MORRO GRANDE (em Minas) e NEVES (em Niterói)

Ambas pertencem á Cia. Brasileira de Usinas Metalúrgicas da firma Hime & C., estando a primeira situada no município de Santa Bárbara, em Minas Gerais, e a segunda no bairro das Neves, na cidade de Niterói, capital do Estado do Rio. Conta a primeira com 3 altos fornos para 30 tons, diárias cada um e 2 conversores Bessemer, de 2 toneladas de carga. O guza e o aço Bessemer, nela produzidos, são enviados á usina das Neves, em Niterói, na qual são tratados em 2 fornos Siemens-Martin, a óleo, de 15 tons. de carga, e em dois trens de laminação para perfis médios e finos, com uma capacidade mensal de 3.500 a 4.000 tons, de laminados.

A usina das Neves, conquanto pequena em comparação á de Monlevade, nada lhe fica a dever quanto á perfeição de suas instalações, quanto á sua eficiência e quanto á sua técnica; é, pois, uma das grandes realizações nacionais no campo da siderurgia. Além de produzir também aços sob especificação para a nossa indústria bélica, ainda possui instalações anexas para o fabrico de pregos, rebites, parafusos, porcas e artigos estampados, bem como uma importante fundição de segunda fusão no Rio de Janeiro, para a fabricação de peças

sob encomendas, artigos sanitários esmaltados, banheiras, pias, etc.

*

*

*

Essas são as joias do nosso parque siderúrgico, por suas instalações completas, que abrangem todo o programa, desde o minério até o aço e seus produtos imediatos. Há muitas outras, mas de menor importância quanto às condições citadas. Entre elas citaremos as seguintes: — Usina Gorceix e de Caeté, de Barbára S. A., da Esperança, Burnier e Gagé, de Rio Acima, de Belo Horizonte, de Saudade, etc. cujas características deixamos de dar, a-fim-de não estender muito o nosso artigo.

*

*

*

As grandes e riquíssimas jazidas de ferro que se escondem sob o solo brasileiro estão a dizer que o Destino determinou que o Brasil seja, em futuro não remoto, um dos mais importantes produtores de ferro e aço, senão mesmo o maior; mas, para isso, é preciso que as nossas usinas se multipliquem e que a sua produção total seja capaz de atender a todas as nossas necessidades presentes e futuras, assegurando a este formoso país uma independência econômica e industrial absoluta. E uma tal independência só pode existir, desde que se baseie na defesa nacional geral, isto é, constituída pela existência de ferro e aço para todas as necessidades do país, e na defesa específica, isto é, no poder militar, que se traduz em vasos de guerra, em material bélico e munições, em esquadrilhas de aviões, em fuzis, metralhadoras, etc. etc., como o estão indicando as convulsões do velho mundo.

O capital humano pouco vale sem a mão fortíssima da siderurgia, que a êle fornece o instrumento, a arma, o “modus agendi” em qualquer circunstância de paz ou de guerra.

Não o devemos esquecer, se já o soubemos algum dia, e aprendê-lo, se nunca o havíamos sabido em tempo algum; e como disse o velho Horácio: — “Indocti discant et amentem memnisse periti”.

O Brasil dispõe de elementos formidáveis para se tornar o leader da siderurgia do mundo, porque possui a energia hidráulica em abundância; e esta pode substituir o carvão em muitos casos, sendo gerada quasi in loco, a bem dizer. As cachoeiras de Paulo Afonso, no rio São Francisco, com 9 milhões de cavalos, o Salto Grande, no rio Pardo, com 5 milhões de cavalos e o Salto do Iguassú, no rio Paraná, com 13 milhões de cavalos, estão indicados para três usinas hidro-elétricas em paralelo, que fornecerão 27 milhões de cavalos, mesmo em volta das zonas do minério de ferro; essa energia, reunida á existência das jazidas carboníferas do sul do Brasil, nas proximidades da terceira das citadas usinas, será suficiente para um desenvolvimento fantástico na siderurgia brasileira, assegurando-lhe uma hegemonia, que nenhum outro país do mundo poderá disputar.

O poder e as atividades militares representam uma defesa bem eficaz; mas, se êsse poder, por maior que seja, não tiver a alimentá-lo a Siderurgia, com os seus produtos de tôdas as espécies, de pouco ou de nada valerá em um dado momento. Neste presente negro, em que nações européias se empenham em um duelo de morte, vemos a enorme preocupação dos dirigentes de cada uma em assegurar-se a jazida de ferro e de carvão, de petróleo e seus derivados, para que se possa manter de pé a eficiência combativa. E milhões de vidas se trocam por uma dessas assegurações, cuja falta poria um ponto final na coragem e no patriotismo do melhor dos exércitos ! . . .

Cuidemos do nosso parque siderúrgico, porque, em um momento de perigo, tôdas as usinas, ao mesmo tempo, se concentrariam no fabrico de tudo o que exigisse a nossa defesa, isto é, a defesa nacional.

Por tudo isso se vê claramente que a defesa nacional está intimamente ligada á Siderurgia, e que, portanto, não a pode

dispensar de modo algum; e, se assim é, como é mesmo, cuidemos de as manter em conveniente relação de proporcionalidade, para que não venhamos a sentir que a defesa faltará esse apôio de vital importância.

Agora, que novas energias surgem para uma realizada atividade, agora, que tudo se movimenta no louvável aproveitamento das riquezas com que a Natureza houve por bem dotar o mais formoso, rico e configurado torrão de todo o mundo, nada mais justo do que enveredarmos por êsse caminho, que se impõe como a direção útil de tôdas as forças nacionais, que deverão ter um caráter nacional, que deverão se manifestar em um ambiente nacional e que deverão ter uma finalidade nacional!...

E tôdas essas energias se devem concentrar no problema de caráter magno, no problema de iniludível importância, no problema mais grave da nossa nacionalidade, que é o problema da Siderurgia, cuja solução se torna muito fácil aqui no Brasil, porque o Brasil possui o minério, a força e a inteligência.

Congracemos essas forças, seja cada uma delas uma das pedrinhas do lendário feixe, e, mais uma vez, veremos que a união faz a força; e é dessa força, perfeitamente unida em um só bloco, o de que precisamos para levar a têrmo o que fará do Brasil um grande país, de forte poder econômico e militar.

Imitemos, neste particular, a Inglaterra, que se pode considerar a pátria da siderurgia; nesse país, que se iniciou sob a fórmula de uma mística no seu berço de um druidismo pastoral, a siderurgia caminhou de etapa em etapa, tendo á sua frente, em épocas sucessivas, Darby, Dudley, Cort Bessemer e outros, cujos esforços colocaram a Bretanha na vanguarda dos países de riqueza siderúrgica, o que significa que ela coube o domínio do mundo industrial, superando o vanguardismo dos Ibéricos em seu gênio marítimo de denodados navegadores.

Consideremos, pois, que a defesa do solo brasileiro está alta no próprio solo do Brasil, e que é preciso retirá-la de

lá, organizá-la e oferecê-la a todos aqueles que tiverem a felicidade de receber dela as investidas plena e rigorosamente lastreadas por um sistema siderúrgico perfeito e completo capaz de atender sem a menor demora a tôdas as requisições do heroísmo e da dedicação dos brasileiros ! . . .
